

# Vender livros, um ato de resistência

Eduardo Anizelli/Folhapress



**Lucien Zahar Filho viu as vendas diminuir drasticamente, mas diz que mantém a livraria porque a loja é própria: 'Mantenho o negócio por prazer, gosto de vender leitura. No dia que for para fechar, fecho'**

Livraria fundada pelos Zahar e que foi alvo na ditadura hoje luta contra o desestímulo à leitura e as lojas virtuais na internet

Por **Paula Fonseca** (Folhapress)

**L**ucien Zahar Filho não presenciou a detenção de seu pai no auge dos anos de chumbo. Mas de tanto que ouviu a história da família, narra a cena como se tivesse estado lá. “Era fim do dia e um caminhão do Exército parou aqui na porta. Tínhamos acabado de receber uma edição resumida de ‘O Capital’, de Karl Marx. Eles sabiam”, diz o proprietário da livraria Galáxia, no centro carioca. Ele é o último integrante de sua família no negócio dos livros - a editora Zahar e a livraria, que antes se chamava LER (Livraria e Editores Reunidos), foram fundadas por seu pai, Lucien, e seus tios, Jorge e Ernesto.

Diferentemente do ex-deputado Rubens Paiva, que inspirou o agora oscarizado “Ainda Estou Aqui”, o Lucien Zahar pai não chegou a ser torturado. Foi solto por intervenção de um cliente da livraria, que “era general mas frequentava a loja e gostava muito dos irmãos”, conta o filho.

Mas, assim como Paiva e outros dos personagens que surgem no filme - incluindo Fernando Gasparian, que depois criaria a livraria Argumento -, os Zahar foram perseguidos pela ditadura.

Não por acaso: fundada em 1956, a editora que traduziu e editou livros de nomes como Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre e Eric Hobsbawm, passou a ser, nas décadas seguintes, referência na publicação de títulos das ciências sociais e humanas.

Não apenas gerações de intelectuais da oposição foram formadas e alimentadas por suas obras, como muitos destes personagens

se reuniam no andar de cima da livraria, situada no mesmo prédio da editora, para longas conversas regadas a uísque.

“Nossa livraria ficava em frente ao Consulado dos Estados Unidos, próximo da Faculdade Nacional de Filosofia. Esta região do centro já foi bem rica e efervescente culturalmente, frequentada por intelectuais, políticos, a nata da inteligência”, conta Lucien, que manteve a pequena loja da família depois que a editora foi comprada pela Penguin Random House, em 2019, e transformada em um selo da Companhia das Letras.

A Galáxia de hoje, localizada na Rua México, tem a cara e o jeito da LER de outrora. Os títulos seguem trazendo o supracitado da sociologia, filosofia, economia, política e artes. Ali estão as mesmas estantes até o teto, a mesma escada de madeira, o mesmo letreiro ao fundo com o nome da livraria, um antigo peso de papel de vidro com o nome Lucien - do pai.

Além disso, o papel com que Lucien em-

brulha cuidadosamente os livros ainda traz o número de telefone da livraria com sete dígitos. Um convite à nostalgia.

Avesso às novas regras da modernidade, Lucien não se rendeu à venda pela internet e nem às redes sociais. Fala com tristeza do baque sofrido com o advento da Amazon e das megalojas.

Se há dez anos conseguia vender 1.400 livros por mês, hoje a conta mal chega a 300 exemplares. À moda antiga, o livreiro é daqueles que conhece bem o seu acervo e gosta de conversar com os clientes sobre as obras. Sobrevive naquele espaço congelado no tempo por amor.

“Como a loja é própria, consigo seguir. Mas mantenho o negócio por prazer, gosto de vender leitura. No dia que for para fechar, fecho”, conclui.

No país que lê cada vez menos - a sexta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostrou que, só nos últimos quatro anos, o país perdeu 7 milhões de leitores -,

vender livros, sobretudo em lojas de rua, é resistência.

No Centro do Rio, ainda existem sebos e livrarias abertos em meados do século passado como a Galáxia. Mas são cada vez mais raros. A pandemia levou embora espaços como a tradicional livraria e sebo São José, com seus 85 anos de história.

A Elizart, sebo fundado em 1952 por Manoel Mattos, é hoje mantida por seus netos, Ana Cristina de Melo Pinho e Arthur Reis, com táticas de guerrilha. O sobrado na avenida Marechal Floriano, de propriedade da família, mostra sinais da mudança dos tempos.

A placa de “vende-se” esquecida no alto da fachada há anos, os pisos hidráulicos quebrados, as pilhas de livros nunca catalogados que seguem em um canto, o trânsito de clientes cada vez mais raro - tudo dá conta de um presente que nem de longe se assemelha ao passado de glórias da livraria, frequentada por nomes como Nei Lopes, Ruy Castro e Paulinho da Viola.

Mas ainda há pérolas guardadas no acervo de quase 40 mil livros, que já foi especializada em livros técnicos sobre o Rio de Janeiro. Vendido a R\$ 5 mil, está lá um dos únicos 250 exemplares já publicados de uma edição do Plano Agache, sobre a construção e remodelação da avenida Presidente Vargas.

“A rua mudou muito. Com a construção do VLT, muitas lojas fecharam, não há mais circulação. O home office, na pandemia, tirou de vez as pessoas da região. Tem dia em que só vendemos livros virtualmente”, lamenta Ana Cristina, que passou a investir, desde setembro do ano passado, em novos canais de venda pela internet, como Mercado Livre e Shopee. “Seguimos lutando.”

## SERVIÇO

### LIVRARIA GALÁXIA

Rua México, 31, Centro | De segunda a sexta-feira (9h às 17h) | Tel: (21) 2240-0926

### ELIZART LIVROS

Av. Marechal Floriano, 63, Centro | De segunda a sexta (9h às 18h) e sábados (9h às 13h) | Tel: (21) 2263-7334